

## **BRASIL VERSUS ARGENTINA: RIVALIDADE OU IDENTIDADE**

FERREIRA, Elizângela<sup>1</sup>  
KOWALSKI, Marizabel<sup>2</sup>

### **Resumo**

*Este ensaio tem por analogia o livro de Hugo Lovisoló “Vizinhos Distantes” relativizando com a teoria de Norbert Elias em “Envolvimento e Distanciamento”. Temos como hipótese que a rivalidade é algo pessoal proporcionada por uma competição a qual leva o impulso do conflito a tentar subrepujar o adversário. Como a realidade social constrói os símbolos, as representações e suas relações, povoando o cotidiano movendo o ser humano a ação, mas ao mesmo tempo em que uma relação social pode ser satisfatória, pode ocorrer ao contrário, pois quando se trata de seres humanos as relações podem ser imprevisíveis.*

**Palavras Chaves:** Futebol, Socialização, Rivalidade

### **Introdução**

Quando falamos de sociedade, de maneira geral, nos atemos aos indivíduos, grupos, público, massa, multidão, aglomerado. Com relação sociedade brasileira e argentina – essa coleção de indivíduos comum para muitos é peculiar para mim. Questiono se há uma Teoria Social para explicar a sociedade brasileira e argentina vinculadas ao esporte. Como não podemos deixar de lado – o futebol – esse esporte condiz e conduz a uma teorização implacável e muitas vezes (des) harmoniosa quando relacionada aos conceitos de *status – habitus - configurações* – ou seja, a teoria é simbólica. Do que queremos assinalar de mais importante entre os autores de “Condição Humana” (Hannah Arendt), “A Conquista do Presente”, “No fundo das Aparências” (Michel Maffesoli), “Sociedade dos Indivíduos” e “Teoria Simbólica” (Norbert Elias) é tentar entender a construção do “ser brasileiro” e “ser argentino”, no que se fundamenta o envolvimento do esporte – futebol. Os argumentos midiáticos são inúmeros, entretanto, o distanciamento epistemológico entre eles acaba em empirias jornalísticas e, as analogias científicas partem de teorias higienistas da história da Educação Física como fatos e dados analíticos confirmados sociologicamente, contudo, a explicação do caráter brasileiro empurra para inúmeros caminhos que confrontam com o argentino.

Temos como hipótese que “Ser Brasileiro é como Ser Flamengo” e “Ser Argentino é como Ser Boca”. Esta formação de padrões ou estruturação simbólica concentra várias áreas e objetos essenciais à própria natureza da experiência humana, da interação social e da realidade do país. Esta formação de padrões organiza-se geralmente de vários modos: estético, emotivo, intelectual ou cognitivo, religioso, ideológico, filosófico, com as suas várias divisões, cujas combinações constituem as formas fundamentais de organizar a sociedade. Pertencem à tradição outros elementos e dimensões simbólicas: os elementos míticos, rituais, bem como a solidariedade social e

---

<sup>1</sup> Sob orientação da Dra. KOWALSKI, Marizabel – UFV – [belkowski@ufv.br](mailto:belkowski@ufv.br) – Mestrado em Educação Física e Líder do Grupo Elisiano da Construção das Condutas Atléticoas – GECCAS – UFV/DES. [Fernandes-UFV/DES\\_liliefi2007@yahoo.com.br](mailto:Fernandes-UFV/DES_liliefi2007@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> KOWALSKI, Marizabel – Professora Adjunto do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais – Brasil. UFV – DES – [belkowski@ufv.br](mailto:belkowski@ufv.br)

injustiça, cada um dos quais é susceptível de elaboração racional, substantiva e pode servir de foco para a definição das identidades coletivas e pessoais, de base para a participação nem ambiente provido de sentido, expressando os sentimentos com relação ao futebol<sup>3</sup>.

Inicialmente, elaboramos as discussões tendo como fundamentação principal Norbert Elias na Teoria Simbólica e Sociedade dos Indivíduos, literatura específica que aborda “Os Seres Humanos como Indivíduos e como Sociedade, e suas Auto-Imagens Inspiradas no Desejo e no Medo”. Desejo e medo são afetos determinantes da emoção. Em geral entende-se por eles termos conjugados, qualquer estado, movimento ou condição que provoque nos indivíduos a percepção do valor, alcance ou importância, que determinada situação tem para as suas vidas, suas necessidades e seus interesses, acompanhada pelo prazer ou pela dor. Entretanto, em Elias a conotação dada aos termos “desejo e medo” advém do uso político e moral. Por mais corriqueira que seja hoje em dia, ambos os termos, fazem parte de uma imagem do homem em que as observações passíveis de comprovação misturam-se intensamente a fantasias oriundas de desejos e temores. Segundo Arendt, Os direitos do homem e a condição humana, o homem se revela aos seus semelhantes por meio da palavra: portanto, essa revelação se dá no espaço público e mostra nossas diferenças em relação a outras pessoas. Por meio das palavras, os homens aparecem aos outros; daí, para Arendt, aparência e ser se confundem, uma vez que as coisas são na mesma medida em que aparecem, não existindo isoladamente, e sua realidade é percebida num contexto em que existem outros. Isso é o que chamamos de sexto sentido, que a realidade unifica os outros sentidos, publicizando-os num mundo compartilhado.

Para Maffesoli, a função do senso comum, portanto, é integrar o indivíduo no mundo intersubjetivo e visível das aparências, que é o mundo dado pelos cinco sentidos no qual existimos como espécies. Comentando a atividade de pensar e de falar o que pensa, Lafer afirma que “o querer e o julgar compartilham com o pensar o processo provisório de re-ligamento com o mundo”. Ocorre que o pensar não fundamenta somente no querer, mas o julgar, próprios para a apreciação de situações particulares e específicas, ou seja, tanto a vontade como o juízo é autônomo ao pensamento porque se refere especificamente a particularidades.

Em sua obra “Entre o Passado e o Futuro”. Arendt esboça claramente o pensamento sobre os valores como bens sociais que não têm significado autônomo, mas, como outras mercadorias, existe somente na fluida relatividade das relações sociais e do comércio. Através desta relatividade, tanto as coisas que o homem produz para seu uso como os padrões conforme os quais ele vive sofrem uma mudança decisiva: tornam-se entidades de troca e o portador de seu valor é a sociedade e não o homem que produz, usa e julga o valor e o pertencimento. O bem social explora seu caráter de idéia, torna-se padrão pelo qual o bem e o mal podem ser medidos e reconhecidos: torna-se um valor que não pode ser trocado por outros valores, tais como a eficiência e o poder. A ação e o agente surgem num mundo que já existia, mas ao qual ele, ao surgir, acrescenta algo com as suas palavras, feitos e potencialidade que são demonstradas aos seus semelhantes.

Assim sendo o valor de “Ser Brasileiro” é diferente de “Ser Argentino”? É uma conduta? Se for! Ela é real ou uma simbologia? Somente podemos afirmar que é uma representação política nacional – encerrada no senso comum do povo como –

---

<sup>3</sup> Elemento construído por Kowalski (2007). Reunião do GEECCAS. 21/11/2007.

brasilidade e, dependendo do poder instaurado – um prestígio, uma arrogância e/ou um contexto humilhante. Isto condiz que nas ideologias nacionais e na convicção que o sujeito tem mérito especial, da grandeza e superioridade de sua tradição nacional, explícita ou implicitamente ligada a elas. Por um lado, essas ideologias ajudam a unir os membros de um Estado e induz cerrar fileiras quando há ameaças de perigo; por outro, servem para atizar o fogo do conflito e da tensão entre as nações, e para manter vivos, ou até aumentar, os perigos que as nações procuram afastar com sua ajuda. Não raro, os valores que representam a essência daquilo que dá finalidade e sentido à vida; contribuem para a constante renovação das emoções, as quais, por sua vez, reforçam os valores que servem de defesa contra essas ameaças<sup>4</sup>. Baseando-se nas teorias de Hugo Lovisoló em Vizinhos Distantes relativizando as idéias exposta por Norbert Elias em Envolvimento e Distanciamento. Temos como fundamental o aparato das emoções relativas ao saber que ao longo de um processo civilizador fazem os indivíduos viver em sociedade, distanciados e envolvidos pelas redes e configurações. Para tal estudo serão utilizadas as rinhas do futebol entre Brasil e Argentina, dois países da América Latina por conveniências históricas estão distantes no processo civilizatório e educacional.

No século XVIII foi o momento em que a história, principalmente e Europa voltou para pensamento social. Neste século, circunstanciado pela dupla revolução, a industrial e francesa, que afirmou o capitalismo e iniciou um pensamento novo, o qual nascera para estudar os fatos sociais expostos naquela época, tanto para explicar os movimentos revolucionários quanto ser uma arma a serviço dos interesses dominantes, iniciando assim o pensamento sociológico. Os ideais presentes na sociologia foi um entrelaçamento das filosofias de Augusto Comte e Émile Durkheim. Sendo que Comte o idealizador do positivismo, o qual será à base de comparação inicial da pesquisa a ser realizada, pois foi o positivismo que vigorou nos primeiros passos para a formação do Estado dois países aqui estudado Brasil e Argentina, estes quando não eram mais colônias de Portugal e Espanha respectivamente. Os dois países intercalavam os postos de ordem e desordem na organização para uma formação de um Estado. Neste contexto Hugo Lovisoló coloca a questão do positivismo que tomara conta em ambos os países. Em busca de um desenvolvimento das comunidades científicas dos países vizinhos, porém distantes, Lovisoló aponta o positivismo como um fator que distanciara os vizinhos da América Latina e, afirma que, o positivismo de Comte teve grande repercussão no Brasil. Um fator que evidenciaria tal informação do autor é o emblema que se encontra na bandeira nacional do país, “ORDEM E PROGRESSO” teve sua

---

<sup>4</sup> Para citar um único aspecto da história da formação e estrutura do Estado, o problema do “monopólio da força”, observou Max WEBER, principalmente por questão de definição, que uma das instituições constitutivas exigidas pela organização social que denominamos de Estado, é o monopólio de exercício da força física. Aqui, tenta-se revelar algo dos processos históricos concretos que, desde o tempo em que o exercício da força era privilégio de um pequeno número de guerreiros rivais, gradualmente impeliu a sociedade para a centralização e monopolização do uso da violência física e de seus instrumentos como expressão de poder. Pode-se demonstrar que a tendência para formar esses monopólios, na época passada da nossa história nem é mais fácil nem mais difícil de compreender que, por exemplo, a forte tendência à monopolização em nossa própria época. Daí segue-se que não é difícil de compreender que, com esta monopolização da violência física; como ponto de intersecção de grande número de interconexões sociais são radicalmente mudados em consequência do aparelho que modela o indivíduo, o modo de operação das exigências e proibições sociais que lhe moldam a constituição social e, acima de tudo, os tipos de medos que desempenham um papel em sua vida. Destaca, mais uma vez, as ligações entre as mudanças na estrutura da sociedade, mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psicossocial dando significado a civilização.

origem no positivismo comtiano. Enquanto na Argentina enraizados pela Revolução de Maio, caracterizado por um positivismo natural e endógeno, tinha suas preocupações para o lado social, voltando a atenção para o povoamento principalmente dos imigrantes e a educação. Assim não teria espaço para o mesmo positivismo presente no Brasil, o qual teria papel importante na Proclamação da República, desempenhava um papel mais político em guerras de ideologias e um entrelaçamento com a religião.

No entanto a Argentina não saiu à frente do Brasil só no setor da educação, o futebol na América Latina teve seu início na Argentina. As expedições dos ingleses que por lá estabeleciam, foram criados colégios, de onde saíram jovens jogadores de futebol, que futuramente formaram os clubes. Já no Brasil a chegada do futebol foi em 1894. As diferenças entre os dois países já começam da maneira em que as colônias proclamaram independência às suas metrópoles. Mas as diferenças ainda perpetuam na construção do conhecimento e outras áreas como a política, a economia e a ideológica que a frente poderá resultar nas contribuições para a possível rinha no futebol.

Temos como **hipótese primária** que a rivalidade é algo pessoal que tem dentro de si, é proporcionada por uma competição a qual leva o impulso do conflito a tentar destruir o adversário. Como a realidade social constrói os símbolos, as representações e suas relações, povoando o cotidiano movendo o ser humano a ação, mas ao mesmo tempo em que uma relação social pode ser satisfatória, pode ocorrer ao contrário, pois quando se trata de seres humanos as relações podem ser imprevisíveis. A paixão pelo futebol não é um fato da modernidade. A emoção ao praticar algum jogo de bola tem seus laços presos ao tempo de livre quando os homens se reuniam para festejos sagrados fúnebres, comemoração da colheita e muitas vezes como rituais de passagem. Segundo ELIAS, durante séculos os jogos foram em muitas regiões do país o passatempo favorito das pessoas, uma forma de se divertirem com uma bola. (Elias, p 260).

O início da disseminação do jogo de bola com os pés (football), teve oposições, pois seria caracterizado como prática que traria um mal a população, devido à violência que ocorria entre os praticantes. O jogo em si, foi alvo de proibições do Estado, como por exemplo: uma das primeiras proibições aconteceu em Londres, alegando que a ocorrência dos jogos tornava as ruas uma desordem. Estariam sob pena de prisão; aqueles que fossem encontrados praticando-o dentro da cidade. O tempo que eles dedicavam ao jogo era considerado pelo rei Eduardo III um desperdício de trabalho e uma ameaça à paz. O rei reivindicava que na hora de lazer os homens praticassem alguma atividade útil, como os arcos e flechas ou grãos de chumbo miúdo e dardos. Mas devido à grande satisfação que o jogo de bola com os pés trazia, por vários anos ele continuou sendo exercido nas ruas inglesas sem cessar. O seu jeito prático de jogar atraiu os homens, a disputa pela bola e o ato de fazer gol continua despertando a exaltação de emoções<sup>5</sup>. Está aqui o ponto culminante do estudo: o entendimento da rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol e as divergências e convergências entre os dois vizinhos. Qual será o motivo de tamanha rivalidade quando os times entram em campo: ideologias, cultura, conhecimento ou histórica? Aqui deve ser ressaltada a compreensão da história dos dois países: os pontos em que Argentina e Brasil se envolvem ou distanciam. Exemplos que poderiam demonstrar tal importância é o modo que ambos os países foram colonizados e de quem se tornaram colônias. A independência de cada país e seus reflexos na formação de uma ordem política, econômica e cultural.

---

<sup>5</sup> Discussão em aula de Sociologia da Educação Física em 2007, no Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa citada por Kowalski.

O **primeiro** ponto de envolvimento a ser destacado seria que ambos os países foram colônias, foram usurpados pelas suas metrópoles a fim de tirarem todo aproveitamento das riquezas que estes países teriam para oferecer. Mas teriam de fato para distanciar a forma como foram explorados por suas metrópoles. Sendo que Brasil fora colônia de Portugal e Argentina colônia de Espanha. Segundo ELIAS (1983), “dentro de uma sociedade encontraremos estados de envolvimento e distanciamento. Entre os indivíduos que comportam nela tendem a se instalarem ao meio dos dois extremos, situarão neste os adultos” (Elias, p.17) <sup>6</sup>. Assim, parece ser Brasil e Argentina, dois países que estabeleceram, ao mesmo tempo, laços de fraternidade e hostilidade. Esta relação estabelece uma margem para que pensemos: se estes vizinhos avançassem por qualquer um dos lados teria uma ruptura, embora isto seja exemplificado nos casos de guerras entre os dois países, quando o poder e interesse ideológicos prevalecem ao sentido de favorecer os dois lados.

Destacando agora o **segundo** ponto que leva ao distanciamento dos dois países, foi à maneira que eles responderam a sua independência. Na Argentina, foi proclamada a Independência em 9 de Julho de 1816. O país dominado pelo sentimento de uma identificação nacionalista e a influência dos ideais iluministas eram o alicerce para tal evento. A ex-colônia da Espanha, já era independente e começa a trilhar caminhos por si só. Já tinha enfrentado um clima de desavenças, como a disputa entre unitarista e federalista, termos estes que eram designados a duas facções políticas de diferentes idéias. No Brasil a independência veio mais tarde (como o futebol). A Independência aconteceu no dia 7 de Setembro de 1822 e sem conflito de guerra civil. Foi uma independência de caráter político, não mudando bruscamente a esfera socioeconômica que continuava a ser colonialista. As alianças que Brasil e Argentina estabeleceram após serem libertados de suas metrópoles mostraram uma relação de distanciamento - os países tomaram rumos diferentes na organização política. Os dois países foram tomados por extremo nacionalismo, efeito que expandiu pelo mundo a fora depois das Revoluções Industrial e Francesa. Este nacionalismo pode ter contribuído para a paixão vinculada ao país e conseqüentemente a camisa que se veste ao entrar em um campo de futebol, abrindo assim para um novo mundo de disputas além da bola - a exaltação da nação.

Já um **terceiro** argumento que poderia juntar-se nas contribuições para estabelecer a rivalidade entre Brasil e Argentina, é a maneira em que estes organizaram a forma política e econômica. O Brasil de certa forma cresceu coeso, enquanto a Argentina passou por processos de grande instabilidade, além da fragmentação territorial e política. Entretanto, o Brasil torna-se reconhecido com grande força dentro da América Latina, impondo-se aos seus vizinhos. Desde o seu fortalecimento no continente, o Brasil aproveitando desta certa superioridade junto a desestruturação do Prata e ocupa a banda oriental, anexando-a ao território brasileiro como Província Cisplatina, que mais tarde se tornaria o Uruguai após a sua liberdade. Quando a Província acabou e se tornou Uruguai, foram os argentinos que os ajudaram a conseguir a liberdade. Pode então salientar certa hostilidade e uma possível contribuição para a rinha entre Brasil e Argentina.

---

<sup>6</sup> Regra geral, o comportamento e as vivências adultos situam-se numa escala entre dois extremos. Consoante o estado de desenvolvimento social, assim tendem a aproximar - se mais de um ou de outro destes dois pólos; do mesmo modo, dentro de uma mesma sociedade, e correspondendo a um acréscimo ou uma redução de pressão social ou psíquica, podem deslizar para um ou para outro lado.



Além desses acontecimentos que possivelmente contribuíram para que os dois países cultivassem a rivalidade, não podemos deixar de lado a aproximação destes quanto aos interesses mútuos. O impulso do envolvimento estaria ligado ao meio de comunicação entre Brasil e Argentina, pois segundo ELIAS (1983): “A possibilidade de uma vida coletiva organizada baseia-se na combinação do impulso de distanciamento com o impulso de envolvimento no comportamento e pensamento humanos; impulsos esses, que se controlam mutuamente”. (Elias, p. 18). Apesar de serem os países aqui em questão de discussão, são as relações humanas que estão em jogo. Por detrás de um Estado há uma organização proveniente de seres humanos que direcionam o encaminhar dos acontecimentos, por isso a associação entre o Estado e as emoções dos indivíduos que o governam é necessária, são tais impulsos que proporcionam atitudes como a de união e isolamento em certos interesses<sup>7</sup>. Fazendo um aglomerado de suposições que possam contribuir para rivalidade existente entre os dois países em discussão, além da política, economia, entra em cena o futebol. Interessante perceber que ao decorrer da história dos jogos entre Brasil e Argentina a rivalidade se intensifica a cada jogo. O primeiro jogo oficial entre as duas maiores potências da América Latina ocorreu em 1914. Segundo Carlos Maranhão em seus relatos diz que os jogos no começo entre os dois países ocorriam com cordialidade, não havendo rinhadas explícitas. O autor evidencia que os jogadores respeitavam o objetivo da Copa ao qual eles disputavam.

A rivalidade entre os dois países colocada em questão neste ensaio confirma as influências de algum fato que aconteceu no futebol mais do que na econômica, ou talvez nem tenha raízes em nenhum dos dois países (Alabarces, p. 01), ou ainda pode ser fruto do ser brasileiro ou do ser argentino. Ao colocar que no futebol o grande inimigo das duas potências seria o Uruguai, vencendo a primeira Copa do Mundo em cima da Argentina no placar de 4 x 0. Sendo mais tarde a derrota do Brasil para a seleção do Uruguai em sua própria terra, assim desfazendo o sonho de milhares torcedores apaixonados na sua casa. Tal derrota nunca fora esquecida e o uniforme da seleção brasileira não mais utilizado. Mais tarde o Brasil conquista três títulos mundiais, de 1958, 1962 e 1970. A Argentina, ao contrário, foi eliminada de uma forma constrangedora em 58, (6 a 1 para a os Tchecoslováquia), em 62 saiu ainda na primeira fase da Copa e em 70 nem chegou a mostrar seu futebol nos gramados do México.

Se continuarmos relevando as questões econômicas, como já foi feito o relato acima de envolvimento e distanciamento entre os dois países, veremos que neste momento por coincidência tem se no Brasil o “Milagre Econômico” e na Argentina o declínio de sua economia. Como a Argentina se achava como se fosse um europeu e superior aos brasileiros, começou a ser discutidos termos de fracasso e êxitos. Brasil tinha acabado de entrar em êxito, enquanto os argentinos tinham o contrário. Assim vemos que foram acontecimentos durante o processo civilizatório dos países que encaminham para a rivalidade. Segundo Alabarces, um argumento convincente, para mim, é que não há um exemplo sequer, na história mundial, de relação causa-efeito entre um evento esportivo e um êxito político. (Alabarces, 2004)<sup>8</sup>. Onde começou tal hostilidade entre o povo, mas sim o valor de um ser melhor do que o outro, o sentimento de superioridade ao país vizinho, o poder.

<sup>7</sup> Assunto debatido em aula de Sociologia da Educação Física em 2007 no departamento de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa citada por Kowalski.

<sup>8</sup> Jornal da Unicamp, Edição 241 - de 16 a 29 de fevereiro de 2004, Rivalidade nas quatro linhas (e foras delas). As origens da disputa Brasil e Argentina no futebol e em outros campos, segundo um professor da UBA.

O esporte é então concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade de vencer. Mas a vontade de vencer que se conforma às regras, que adota uma atitude exemplar: *o fair play*, jogo justo e honesto, comportamento “cavalheiresco”. Por outro lado, as exigências econômicas e culturais para praticar as novas modalidades esportivas, fora do âmbito escolar, reforçariam ainda mais a conotação de que esta prática cultural se afirmava como um signo de distinção social. É neste sentido específico que certos esportes aparecem como elemento de diferenciação do estilo de vida. Esta diferenciação do estilo de vida, Hobsbawm<sup>9</sup> esclarece; como a prática esportiva tornara-se um indicativo de pertencimento social, tendo em vista que a prática de certas modalidades (*o rugby e o tênis*) estava condicionada ao acesso do sistema de ensino (*as public schools*) ou a participação em associações esportivas (*os clubs*), enquanto outras (*o soccer e o boxe*) vinham alcançando uma maior difusão social, sendo mais populares. Ao mesmo tempo, os jovens da tradicional aristocracia britânica mantinham-se fiéis aos “esportes aristocráticos”, associados à vida rural e à destreza com armas. Mas não obstante, a relevância desses esportes, o sucesso das novas competições esportivas, dos esportes populares, é uma clara demonstração de que a evolução do universo esportivo refletia agora uma nova estruturação social.

Kowalski<sup>10</sup> cita que:

As atividades esportivas se irradiavam por todos os lados e começavam a fazer de clubes completamente relegados à representação esportiva até então, fechadas; instituições reconhecidas e adotadas como símbolos alusivos de grandes torcidas e dos simples jogadores anônimos; os novos heróis do novo mundo da ação permanente. No final desta década, o futebol está inserido no contexto brasileiro. Destaca a simbiose entre o clube e o povo, sendo legada a esta época, ao encanto popular o qual temos como análise o futebol profissional. Este desencadeia um espaço de tempo apaixonante, enaltecendo o esporte como “mania nacional”, e corroborando para a construção da identidade de um povo, tendo como referência constante a música popular e o carnaval, uma simbiose entre o futebol e Estado. O futebol faz parte da vida do brasileiro, seja torcedor ou não. Integra a memória coletiva, está presente no cotidiano da enorme maioria da população. Está associado ao nome do país; como tema de artistas e objeto de estudo de várias pesquisas. Passou a ser expressão de liberdade, nacionalidade, tropicalismo e brasilidade, de forma romântica, litúrgica, erudita também. Da notinha do *Yatching, do Jornal do Comércio*, ao estrelato da mídia. O futebol dos clubes ganhou às ruas e o povo, transformando-se em fenômeno cultural que marca a vida brasileira e mundial do século XX. Não por acaso, conseguiu o futebol, não o remo, nem a capoeira, passar dos anos, não apenas em divertimento ou uma higiene, seria o mais importante denominador comum do povo brasileiro. O brasileiro sente nestes momentos, orgulho de ser torcedor, de pertencer à multidão do futebol. A paixão não só dele é de todos. O estádio cheio justifica a pressa que ele teve a longa semana de expectativa. De segunda a domingo; quando numa pergunta simples repercute, no ambiente: “Se no domingo tem futebol? Joãozinho Trinta da Beija Flor, responde então: Tem sim senhor (...) Domingo

*Eu vou ao Maracanã*

*Vou torcer pro time que sou fã*

*Vou levar foguetes e bandeira*

<sup>9</sup> Hobsbawm, E. A Era dos Impérios (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, cap.07, pg. 255-6.

<sup>10</sup> Kowalski, M. Por quê Flamengo? Rio de Janeiro:UGF, 2001.

*Não vai ser de brincadeira  
Ele vai ser campeão  
Não quero cadeira numerada  
Vou sentar na arquibancada  
Pra sentir mais emoção<sup>11</sup>.*

Kowalski ainda complementa incisivamente;

Ah, se no imaginário popular do futebol, o jogador de carne e osso não saciar esta vontade do torcedor! Ele quer sempre mais. Sonha em ir além. Insuflado pela mídia e eletrizado pela fome de fantasia, seu imaginário transcende os estádios e até mesmo os campinhos de pelada. Não basta ver. Não basta jogar. É preciso criar. E assim o futebol ganha múltiplas encarnações lúdicas. Como o totó (ou pebolim), os botões, o videogame e outras versões portáteis, o jogo vira brinquedo. (Kowalski, 2001)  
Para Lovisolo<sup>12</sup>

Entramos no jogo competitivo, embora seja na rua, para ganhar ou ganhar. Por não sermos profissionais; não teremos outros custos se perdemos. Mas, o próprio profissional, quando ainda avaliado como tendo o melhor de si mesmo não é punido nem ainda quando seu time perde. Há uma certa generosidade entre os torcedores que não raro afirmam: o time jogou bem, perdemos por azar; e uma corrente que mistura tristeza, carinho e solidariedade vincula jogadores e torcedores”. (Lovisolo, 2000)

Utilizando da subscrição de Hobsbawn<sup>13</sup> o que podemos supor é uma criação mítica das duas sociedades quando os povos inventam uma tradição para poder ser reconhecido diante do vizinho, os argentinos querendo ser uma parte da Europa e os brasileiros tentando ser superior a eles em busca do poder e reconhecimento na América Latina. Uma invenção de tradição que supere o espetáculo de futebol dentro do campo e passe a ser uma rivalidade. Esta que se baseia em fatos históricos que poderá ser passado de geração a geração. Um esporte que envolva massa como futebol, tem toda uma tradição desde seus laços primordiais quando ainda era violento, praticado nas ruas até hoje, o qual o mundo respira e vive, sente o coração bater mais forte quando seu time entra em campo em defesa do seu escudo, que aqui cabe a pátria.

### **Referência Bibliográfica**

Da Costa, F. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX, Revista Digital – Buenos Aires – Ano 10 – N° 90- Novembro de 2005.

Elias, N. A Busca pela Excitação, Editora DIFEL, 1992.

Elias, N. Envolvimento e Distanciamento, Publicações Dom Quixote 1997.

Heinich, N. A Sociologia de Norbert Elias, Editora da Universidade do Sagrado Coração 2001

Hobsbawm. E. A Era dos Impérios (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, 1994.

<sup>11</sup> Souza, Rito, Leitão. Futebol-Arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar. São Paulo: Ed. SENAC.pg. 273. Citado por Kowalski em Por quê Flamengo? Rio de Janeiro: UGF, 2001.

<sup>12</sup> Lovisolo, H. Saudoso Futebol, Futebol Querido: a ideologia da denúncia. Pg.10.

<sup>13</sup> Hobsbawm, Eric. A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



Hosbsbawm, E. a invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra: 1997.

Jornal da Unicamp, Edição 241 - de 16 a 29 de fevereiro de 2004, Rivalidade nas quatro linhas (e foras delas). As origens da disputa Brasil e Argentina no futebol e em outros campos, segundo um professor da UBA.

Kowalski, M. Por quê Flamengo? Rio de Janeiro:UGF, 2001.

Lovisoló, H. Saudoso Futebol, Futebol Querido: a ideologia da denúncia. Pg.10.

Lovisoló, H. Vizinhos Distantes, Editora UERJ, 2000 Rio de Janeiro..

Luna, F. Breve História dos Argentinos, Editora QUARTET Rio de Janeiro 1996.

Mascarenhas, G. Futebol, globalização e identidade local no Brasil, Revista Digital - Buenos Aires - Ano 8 - Nº 57 - Fevereiro de 2003.

Site: <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/braxarg.html> A rivalidade Brasil e Argentina.

Souza, Rito, Leitão. Futebol-Arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar. São Paulo: Ed. SENAC.pg. 273. Citado por Kowalski em Por quê Flamengo? Rio de Janeiro: UGF, 2001.